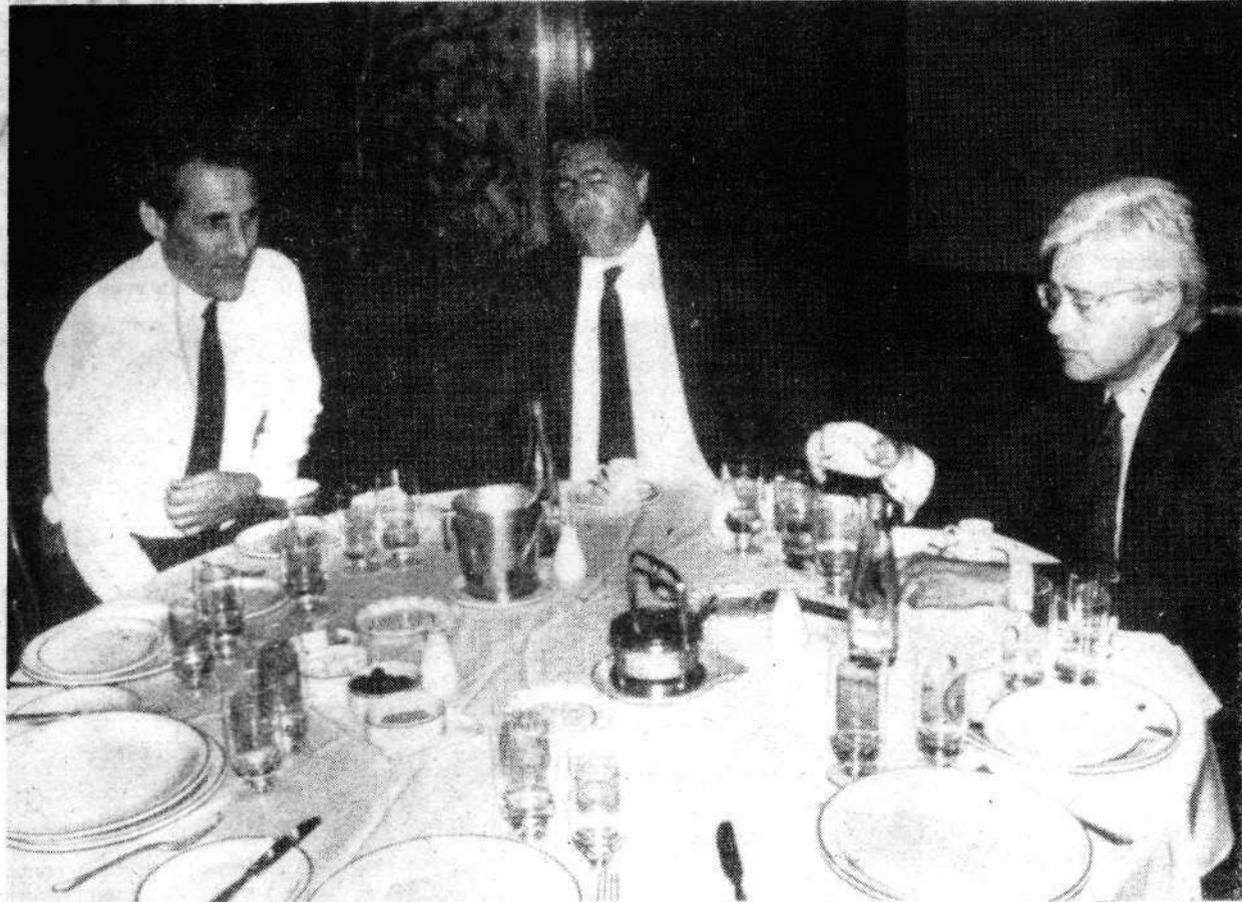


# Sarney terá 5 anos, dizem Quércia, Moreira e Newton

Os três governadores foram taxativos ao afirmar que a aprovação do mandato de cinco anos é um "fato consumado"



Os governadores Orestes Quercia (SP), Newton Cardoso (MG) e Moreira Franco (RJ), almoçam no Florentino

**MAURO LOPES**  
Da Sucursal de Brasília

Os governadores dos três Estados mais fortes da Federação, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, afirmaram ontem no fim da tarde em Brasília que é um "fato consumado" o Congresso constituinte decidir-se, no final do mês, por um mandato de cinco anos para o presidente Sarney. Orestes Quercia, Moreira Franco e Newton Cardoso almoçaram juntos, a partir de 16h30, no restaurante Florentino, depois de se reunirem com Sarney, oito ministros e outros 18 governadores (e um vice) no Palácio do Alvorada. Os três governadores foram taxativos e se utilizaram da expressão "fato consumado".

Moreira Franco, que defendeu um mandato de quatro anos para os presidentes da República na votação realizada em 22 de março último na Constituinte, disse que "eu estou na política desde 1973 e nunca sofri uma derrota tão acachapante quanto esta, na votação do mandato (em 22 de março, os cincoanistas venceram os partidários de um mandato de quatro anos por 304 votos a 223). Isso não muda mais".

Tanto Quercia como Newton Cardoso defenderam, na votação de quase dois meses atrás, um mandato de cinco anos. Ontem, os dois se disseram "tranquilos" em relação à votação do mandato de Sarney. Para

o governador de São Paulo "o presidente vai ter mesmo um mandato de cinco anos", enquanto o de Minas disse que "os cinco anos já estão definidos".

Os três governadores combinaram o almoço conjunto ao final da reunião no Alvorada, às 15h40, no restaurante "Lakes Baby Beef", no Lago Sul de Brasília. Como Quercia atrasou-se mais de meia hora em relação a Moreira Franco e Newton Cardoso, alongando-se em entrevistas, quando chegou ao "Lakes", que estava fechado, os outros dois já estavam no Florentino. Em frente ao restaurante fechado, enquanto seus assessores procuravam localizar Moreira Franco e Newton Cardoso, Quercia disse ter se encontrado com o presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, no sábado, e conversado sobre a questão do mandato.

Segundo o governador paulista, Ulysses está "procurando adequar o texto permanente ao transitório, de forma que deveremos ter eleição para presidente em meados do próximo ano, mesmo com cinco anos de mandato". O texto permanente da nova Carta prevê que o presidente da República tomará posse sempre em 1º de janeiro, e que a eleição de seu sucessor ocorrerá 120 dias antes, ou seja, em setembro. A emenda do deputado Matheus Iensen (PMDB-PR), em torno da qual se reúnem os cincoanistas, prevê que

as eleições presidenciais serão em 15 de novembro de 1989. Quercia disse que Ulysses conseguirá um acordo para que, aprovada a emenda cincoanista, ela se adapte ao texto permanente da nova Carta. "Com isso, afirmou Quercia, o presidente vai perder três meses de mandato (já que Sarney completará cinco anos de mandato se ficar até 15 de março de 1990 na Presidência) e poderemos até realizar o primeiro turno em julho do ano que vem" (Quercia errou, ao afirmar que as eleições ocorrerão em julho. O texto aprovado pela Constituinte até agora é claro ao estabelecer que as eleições deverão acontecer sempre em setembro).

Já no Florentino, depois de almoçarem, os três governadores concordaram que, no caso de aprovação da fórmula pretendida por Ulysses, a sucessão de Sarney estará na ordem do dia após a promulgação da Constituição. "Mesmo com os cinco anos, deste jeito a eleição estará no ar quando acabar da Constituinte", disse Quercia. Moreira Franco foi ainda mais afirmativo: "Promulgada a Constituição, começa a campanha eleitoral".

Durante a reunião no Palácio do Alvorada, nenhum governador tocou na questão da duração do mandato de Sarney.

Leia mais notícias sobre as negociações dos governadores com o presidente Sarney nas pág. A-19, A-21 e A-26.

## Cardoso condena ação política do PMDB Governadores 'históricos' rebatem o ex-pedessista

Da Sucursal do Rio

O senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP), um dos principais líderes dos dissidentes do partido, disse ontem no Rio que considera "negativa a idéia de o PMDB se apropriar da Constituição" para utilizá-la como trunfo de campanha eleitoral ou como fator de reaglutinação partidária.

A declaração do senador, em entrevista após palestra na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (Eceme), no Rio, referia-se à série de documentos que estão sendo elaborados por equipes dos governadores Moreira Franco (RJ), Miguel Arraes (PE) e Waldir Pires (BA) e assessores do presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, com propostas de redefinição doutrinária, ideológica e programática do partido.

"Acho que o problema do PMDB não é de propostas nem de diretrizes. Isso o partido sempre teve. O

problema é a prática, a ação política do PMDB. Não acredito que nada vá ser mudado a esta altura. A nossa crítica é à prática, a não haver reuniões, a não se fazer Convenção, a adiar tudo. É a prática dos que chegam ao governo e, ao invés de provocar as mudanças pregadas, se acomodam", sentenciou o senador paulista.

### Palestras

"O Brasil após a Constituinte" foi o tema das palestras que os senadores Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP) e Jarbas Passarinho (PDS-PA) fizeram ontem de manhã na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (Eceme), no Rio.

Fernando Henrique Cardoso criticou os dispositivos da nova Carta que consolidam o corporativismo (inclusive o corporativismo militar), mas considerou que, no geral, ela "democratiza o regime" e está "voltada para o bem-estar-social".

O senador paulista defendeu a realização de eleições diretas em 1988.

Jarbas Passarinho discordou da argumentação de seu colega. Disse que, em razão da atual crise, seria "mais prudente" não haver eleições presidenciais, porque elas poderiam "acelerar a inflação e a crise", por causa dos gastos de campanha. Jarbas Passarinho quer eleições presidenciais em 1989.

Cardoso disse que, em sua palestra, citou como "problema grave" o fato de que a nova Constituição "não inibe o corporativismo: não apenas os trabalhadores quiseram colocar seus direitos (na nova Carta), mas os grupos organizados de toda a sociedade, como juizes, promotores, advogados, professores e militares."

O importante, segundo Cardoso, é que o novo texto "tem uma antevisão de um Estado de bem-estar social, de assegurar aos brasileiros uma vida decente." Neste ponto seu raciocínio desemboca na necessidade de eleições diretas-já. Como o

"modelo atual está esgotado, aumentar fortemente a poupança interna e garantir a durabilidade da Constituição são fatores que dependerão de termos, através de eleições diretas, um governo capaz de enfrentar essas questões."

Ele afirma que a vigência das normas aprovadas "vai depender de um programa governamental muito ativo, de investimentos" — só possível numa "situação política nova".

Como qualidades da nova Constituição, Cardoso citou ainda "a institucionalização de um Congresso muito mais forte". Na Ordem Econômica, o senador considera que a Carta "ficou um pouco ambígua, entre uma visão de um nacionalismo da década de 1960 e uma realidade econômica que se internacionaliza".

Já o governador da Bahia, Waldir Pires, disse ontem à Folha que o principal esforço a ser feito é para que o PMDB "deixe de ser uma 'frente' para se tornar um partido de fato".

Da Sucursal de Brasília

Em São João Del Rey (MG), terra de Tiradentes, há um ditado que recomenda "não falar de corda em casa de quem morreu enforcado". Traído pela memória, segundo sua versão, o governador de Minas, Newton Cardoso (que é baiano), contrariou o dito e aliou-se ao colega de São Paulo, Orestes Quercia, para dar um gosto amargo ao charuto que o governador do Rio, Moreira Franco, degustava após o almoço, a três no restaurante Florentino, no final da tarde de ontem.

Moreira —cheio de retórica acadêmica— discorria sobre a necessidade de o PMDB "definir-se ideologicamente por uma linha progressista e popular", quando foi interrompido por Quercia: "Eu assino embaixo disso aí, e acho que o Newton também." Esquecendo-se das origens partidárias de Moreira (que

era do PDS antes de se filiar ao PMDB, às vésperas das eleições de 86), Newton sugeriu uma comparação: "Um partido assim, na linha do nosso MDB antigo, hein, Quercia?" Moreira retomou o mote: "O PMDB precisa trazer a sua proposta para o Brasil, tem que ter a cara do Brasil." E Newton, de novo: "O MDB velho era assim."

Moreira teve que encostar no cinzeiro seu charuto para acrescentar, visivelmente constrangido: "Na convenção a gente resolve a cara que o partido vai ter." A conversa desviou para o alinhamento do partido à candidatura que deve surgir nos próximos meses para a sucessão presidencial, e que evidentemente não terá o apoio da unanimidade dos filiados. Foi a vez de Moreira dar uma lição de pragmatismo: "Com uns cascudos aqui, outros ali, a gente acaba acertando tudo." (Ricardo Amaral)